



THE FORESTS DIALOGUE

Diálogo Florestal para a Mata Atlântica

Uma iniciativa regional do "The Forests Dialogue"

TFD STEERING COMMITTEE

Mubariq Ahmad
World Wildlife Fund
Indonesia

Steve Bass
Department for International
Development
United Kingdom

David Cassells
The World Bank
United States

James Griffiths
World Business Council for
Sustainable Development
Switzerland

Clas Hall
Aracruz Celulose
Brazil/Sweden

Sharon Haines
International Paper
United States

Matti Karjula
Stora Enso
Finland

Tage Klingberg
University of Gävle
Sweden

Thor Lobben
Norske Skog
Norway

Stewart Maginnis
World Conservation Union
(IUCN)
Switzerland

Cassie Phillips, TFD Co-Leader
Weyerhaeuser Company
United States

Per Rosenberg
Global Forest & Trade Network
(WWF)
Sweden

Stephan Schenker
Private Forest Owners Association
Austria

Robert Simpson
American Forest Foundation
United States

Nigel Sizer
The Nature Conservancy
Indonesia

Roberto Smeraldi
Friends of the Earth
Brazil

Manoel Sobral
International Tropical Timber
Organization
Japan

William Street, Jr.
International Federation of
Building and Woodworkers
Switzerland

Gudmund Vollbrecht
IKEA
Switzerland

Scott Wallinger
MeadWestvaco Corporation
United States

Justin Ward, TFD Co-Leader
Conservation International
United States

Amelia Wright
Maryland Private Forest Owner
United States

Alexey Yaroshenko
Greenpeace
Russia

Gary Dunning
Executive Director
The Forests Dialogue

RELATÓRIO DO 1º ENCONTRO TERESÓPOLIS, 19 A 21 DE OUTUBRO DE 2005



SUMÁRIO EXECUTIVO

Em outubro de 2003, trinta representantes de organizações ambientalistas, da indústria de produtos florestais, proprietários de terras e academia encontraram-se em Santa Cruz de Cabrália, Bahia, Brasil, para discutir temas relacionados ao setor florestal e conservação da biodiversidade. Este encontro foi convocado pelo “The Forests Dialogue (TFD)”, um processo de diálogo com vários atores internacionais interessados em assuntos florestais.

O sucesso do Diálogo sobre Florestas e Biodiversidade em 2003 inspirou três organizações brasileiras e duas empresas do setor florestal – Instituto BioAtlântica (IBio), The Nature Conservancy do Brasil (TNC), Conservação Internacional do Brasil (CI), Rigesa/MeadWestvaco e Suzano Papel e Celulose – a proporem uma continuidade do Diálogo, envolvendo outros atores regionais e focando, especificamente, no desenvolvimento de uma visão comum entre o setor florestal e ambientalistas para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica. Esta proposta foi bem recebida pelo Comitê Gestor do TFD, que incluiu esta iniciativa na agenda do The Forests Dialogue e a está apoiando.

A maioria das empresas florestais que operam na Mata Atlântica, especialmente aquelas do setor de papel e celulose, desenvolve projetos de recomposição florestal e de proteção e monitoramento da biodiversidade abrigada nos remanescentes de sua propriedade. Entretanto, nota-se que ainda há pouca cooperação entre as empresas e as organizações conservacionistas. Ambos os setores concordam que, para assegurar a sobrevivência da Mata Atlântica é necessário ampliar a escala dos esforços até então empreendidos, o que demanda a identificação de agendas comuns e o estabelecimento de parcerias para atingir a escala desejável.

Com o objetivo de desenvolver ações práticas e viáveis economicamente para a conservação da biodiversidade em áreas prioritárias e para o negócio das empresas, foi criado o Diálogo Florestal para a Mata Atlântica, uma iniciativa que integra empresas de papel e celulose e organizações conservacionistas que possuem operações e atuação no bioma Mata Atlântica, considerado um dos mais importantes para a conservação da diversidade biológica do planeta.

O resultado do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica, cuja primeira etapa está sendo desenvolvida no triênio 2005-2007, será a construção de uma visão comum, compartilhada entre as companhias florestais e as entidades ambientalistas, que leve a resultados concretos e conseqüente aumento da escala dos esforços para a conservação, gerando ao mesmo tempo benefícios tangíveis para a biodiversidade e para as empresas participantes.

A primeira etapa do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica prevê a realização de quatro encontros, a serem realizados em diferentes locais da Mata Atlântica. Esse documento apresenta os resultados do primeiro encontro.

PRIMEIRO ENCONTRO

Entre os dias 19 e 21 de outubro de 2005, representantes de 13 organizações ambientalistas e de cinco empresas do setor de papel e celulose se reuniram em Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, para o primeiro encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica.

Durante os três dias do evento, representantes de empresas florestais e de organizações ambientalistas sentaram-se à mesma mesa e discutiram temas relevantes de interesse de ambos os setores, iniciando um processo de discussão conjunta de seus problemas, expectativas e possibilidades de ações em conjunto.

O primeiro encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica pode ser considerado um marco, uma vez que simboliza uma nova etapa de relacionamento entre estes dois segmentos, reunindo-se para tratar de assuntos de interesse comum de maneira pró-ativa, e não para resolver impasses ou discutir problemas específicos entre ambos. Deste modo, o evento serviu para fazermos um breve diagnóstico destas relações e para definir os temas prioritários a serem abordados, pelo menos nesta primeira fase, bem como a maneira como estes serão abordados.



No primeiro dia, representantes de ambos os segmentos fizeram apresentações sobre temas de interesse do Diálogo, entre eles ações das empresas para proteção de remanescentes florestais e recuperação de áreas, projetos desenvolvidos pelas organizações, e o potencial de cooperação entre empresas e organizações para a proteção e recuperação da Mata Atlântica. Os arquivos contendo a íntegra destas apresentações estão disponíveis para consulta e para cópia digital no seguinte endereço:

<http://research.yale.edu/gisf/tfd/regionalfandb.html>

No segundo e terceiro dias do evento, os participantes foram motivados a apontar os principais entraves e obstáculos (forças restritivas) e as principais oportunidades e benefícios (forças impulsoras) para a construção de uma visão comum e para a formação de parcerias e cooperação entre as empresas de papel e celulose e as organizações

ambientalistas que atuam na Mata Atlântica. Para isso, cada participante listou aqueles pontos que considerava os mais importantes e, na seqüência, definiram os temas prioritários a serem abordados pelo Diálogo Florestal.

DESAFIOS PARA O RELACIONAMENTO ENTRE EMPRESAS E AMBIENTALISTAS

O resultado para os principais entraves e obstáculos está reproduzido nos quadros a seguir, apresentando a priorização dos temas escolhidos pelos participantes.

Gravidade dos Problemas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Histórico											
•Passivos socioambientais não resolvidos – agenda reativa		■	■								
•Origem dos desmatamentos		■									
Sociocultural											
•Não está inserido na realidade das comunidades locais		■	■	■	■	■	■	■			
•Baixo pertencimento social		■	■								
•Falta de visão integrada socioambiental-empresarial		■	■								
•Falta compromisso com a comunidade		■	■								
•Sociedade do meio rural desestruturada		■									
•Não mantém ou promove as atividades “tradicionais”		■									
Situação fundiária											
•Problemas generalizados com questões fundiárias		■	■								
Fomentados											
•Custo da preservação para pequenos agricultores		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Poucas ações ambientalistas junto aos fomentados		■	■	■	■						
•Falta de interesse ou dificuldade de certificação para pequenas e médias empresas		■	■								
Agropecuária											
•Produção agropecuária		■									
Espécies exóticas											
•Potencial invasividade das espécies exóticas de interesse econômico		■	■	■	■	■	■	■			
Produção florestal											
•Produção florestal pouco diversificada		■									
•Florestas com objetivo único: produção de celulose		■									
Conservação											
•Falta de incentivos para restauração		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Pouco conhecimento do potencial econômico das espécies nativas		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Falta de valorização do ativo ambiental		■	■	■	■						
•Pré-concepção: conservação incompatível com a produção		■	■	■	■						
•Falta de entendimento das companhias florestais sobre aspectos relacionados à conservação da biodiversidade		■	■	■	■						
•Falta de conhecimento do valor da biodiversidade		■									
•Potencial ameaça para conversão em áreas de vegetação secundária		■									

Gravidade dos Problemas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Manejo da paisagem										
•Não exercício do conceito de manejo da paisagem	■	■	■	■	■					
Zoneamento										
•Não ter zoneamento econômico-ecológico	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Desrespeito às particularidades das zonas de amortecimento das UCs	■	■	■	■						
•Riscos de expansão desordenada	■	■								
•Falta de zoneamento ambiental na maioria das regiões	■									
Divergências										
•Resistência, de ambos lados, ao monitoramento compartilhado	■	■	■	■	■	■	■			
•Setor ambiental com visão restrita em relação às oportunidades de conservação com o setor florestal	■	■	■	■	■					
•Setor florestal não reconhece ativos das ONGs	■	■	■							
•Preconceito do setor ambiental em relação ao setor florestal	■									
•Histórico complicado entre os dois setores	■									
•Radicalismo e falta de disposição para trabalhar juntos	■									
Pesquisa										
•Não formação de recursos humanos para pesquisas científicas de biodiversidade	■	■	■	■	■	■				
•Deficiente investimento em pesquisa para a Mata Atlântica	■	■	■							
Comunicação e informação										
•Pouca divulgação de boas práticas de relacionamento entre o setor produtivo florestal e o setor conservacionista	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Canais de comunicação obstruídos	■	■	■							
•Falta de transparência nas relações	■	■	■							
•Falta de conhecimento das ações e práticas em andamento	■	■	■							
•Pouco diálogo entre governo, ONGs e empresas	■									
Gestão pública										
•Ausência de agenda ambiental positiva comum entre empresas e ambientalistas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Desaparelhamento do Sisnama	■	■								
Gestão empresarial										
•Cooptação de lideranças e políticos a favor do poder econômico	■									

Como se observa nos quadros acima, os itens sugeridos pelos participantes foram agrupados de acordo com o assunto de que tratavam. Após a priorização feita pelos participantes para as forças restritivas, concluímos que os obstáculos e entraves considerados mais importantes para a formação de uma visão comum e para a cooperação entre empresas e ambientalistas dizem respeito aos seguintes assuntos¹:

- Conservação da biodiversidade, com 21% das indicações;
- Comunicação e informação, com 13% das indicações;
- Zoneamento, com 11% das indicações;
- Divergências entre os setores, com 11% das indicações;
- Programas de fomento, com 10% das indicações.

¹ Foram considerados apenas os assuntos que obtiveram pelo menos 10% das indicações de prioridade.



A seguir, destacamos os problemas específicos indicados pelos participantes para cada um destes assuntos considerados prioritários.

1. Obstáculos relacionados à conservação da biodiversidade

- a. Pouco conhecimento do potencial econômico das espécies nativas;
- b. Falta de valorização dos ativos ambientais;
- c. Preconceitos com relação à compatibilidade entre conservação e produção;
- d. Falta de entendimento das empresas florestais para os aspectos relacionados à conservação da biodiversidade e falta de conhecimento do valor da biodiversidade;
- e. Novos plantios pressionando áreas de vegetação secundária;
- f. Não reconhecimento do ecossistema “campo nativo” como ambiente natural, sobretudo no sul do país;
- g. Aplicação de recursos na área ambiental, por parte das empresas, em níveis inferiores aos necessários;
- h. Falta de incentivos para restauração florestal.

2. Obstáculos relacionados à comunicação e informação

- a. Deficiência de comunicação com outros setores;
- b. Obstrução dos canais de comunicação entre empresas e ambientalistas;
- c. Falta de transparência nas relações;
- d. Pouca troca regular de informação, bem como deficiência na qualidade da informação trocada;
- e. Pouco diálogo entre governo, ambientalistas e empresas;
- f. Falta de conhecimento de ambas as partes sobre as operações, ações e práticas em andamento;
- g. Pouca divulgação de exemplos de boas práticas de relacionamento entre o setor empresarial florestal e o setor conservacionista;
- h. Não disponibilização das informações sobre conservação da biodiversidade;
- i. Desinformação generalizada, desconhecimento mútuo entre os setores.

3. Obstáculos relacionados ao zoneamento econômico-ecológico

- a. Riscos inerentes à expansão desordenada dos plantios;
- b. Desrespeito às zonas de amortecimento das unidades de conservação de proteção integral;
- c. Falta de consenso quanto a regras, condições e melhores práticas de uso e ocupação do solo;
- d. Ausência do zoneamento econômico-ecológico na maioria das regiões onde há operações florestais;
- e. Rápida expansão do setor florestal, gerando pressões e incertezas.

4. Obstáculos relacionados às divergências entre empresas e ambientalistas

- a. Preconceito dos ambientalistas em relação ao setor florestal e vice-versa;
- b. Histórico de relacionamento muito complicado entre os dois setores;
- c. Setor florestal não reconhece os ativos das organizações ambientalistas;
- d. Radicalismo e falta de disposição para trabalharem juntos;
- e. Resistência, de ambos os lados, ao monitoramento compartilhado;
- f. Ambientalistas têm dificuldade de enxergar as oportunidades de conservação originadas pela cooperação com o setor florestal;
- g. Confronto entre as diferentes visões socioambientais.

5. Obstáculos relacionados aos programas de fomento e extensão florestal

- a. Falta de interesse e dificuldades para certificação das pequenas e médias empresas;
- b. Alto custo da preservação para pequenos agricultores;
- c. Empresas promovem poucas ações ambientalistas junto aos fomentados;
- d. Há muita dificuldade para o envolvimento da rede de fomentados em ações conservacionistas.

Analisando estes cinco temas prioritários, observa-se que dois deles – problemas de comunicação e divergências entre os setores – dizem respeito à própria razão de existir do Diálogo Florestal, uma vez que seu objetivo é criar meios eficientes e efetivos de comunicação entre os participantes e de resolução paulatina das divergências históricas apontadas.

Outro dos temas prioritários – não por acaso, aquele que se refere às questões de conservação da biodiversidade – faz parte da essência desta iniciativa, uma vez que se trata de um diálogo para a Mata Atlântica.

Deste modo podemos concluir, quanto aos obstáculos e restrições à construção de agendas comuns e cooperação entre empresas de papel e celulose e organizações ambientalistas, que os dois temas específicos mais sensíveis relacionam-se à questão do zoneamento

econômico-ecológico – ferramenta de planejamento territorial fundamental para a compatibilização do desenvolvimento socioeconômico com a conservação da biodiversidade – e aqueles relacionados aos programas de fomento das empresas, que se configuram como a principal estratégia de expansão do setor de papel e celulose no país e na Mata Atlântica.

OPORTUNIDADES PARA O RELACIONAMENTO ENTRE EMPRESAS E AMBIENTALISTAS

Após a identificação dos obstáculos considerados prioritários para a construção de uma visão comum entre os segmentos envolvidos no Diálogo Florestal para a Mata Atlântica, os participantes selecionaram os itens que representam as oportunidades e os benefícios para o relacionamento entre as empresas do setor de papel e celulose e as organizações ambientalistas que atuam no bioma.

O resultado para os principais entraves e obstáculos está reproduzido no quadro a seguir, apresentando a priorização dos temas de acordo com as opiniões dos participantes.

Relevância	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Certificação										
• Melhoria contínua do manejo florestal com a certificação (FSC, Cerflor)	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Melhoria proporcionada pela certificação FSC	■	■	■	■						
• Busca de certificação (ex: FSC)	■									
Parcerias										
• Alto potencial para estabelecimento de parcerias	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Complementaridade das ações dos dois setores	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Parcerias em projetos entre ONGs, organizações governamentais, universidades e empresas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Conhecimento das ONGs, aliado à capacidade de trabalho e recursos do setor florestal, potencializa a conservação e restauração	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Predisposição para trabalhos em parceria	■									
• Chegada ao ponto de não retorno – não dá para não fazer nada	■									
Capital humano										
• Capital humano, nos dois setores, com alto grau de capacitação	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Corpo técnico bem capacitado – massa crítica nas empresas	■									
Diálogo										
• Disposição em estabelecer agenda sinérgica	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Eficiência do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica e possibilidade de replicação a outros biomas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Espírito de diálogo é crescente	■									
• Predisposição e ação das empresas do setor florestal no engajamento no Diálogo	■									
Economia rural										
• Capacidade de alavancar a produção de riqueza no meio rural	■									
Experiências exitosas										
• Vivências e experiências em trabalhos com a Mata Atlântica	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
ONGs										
• Ativos das ONGs podem agregar valor às ações de conservação das empresas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Existência de instâncias importantes ao processo, como Instituto Ethos, Fundação Avina, Gife etc.	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Capilaridade das ONGs	■									
Mercado										
• Potencial mercado de nativas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
• Mercado sensível à conservação	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Pressão										
• Fatores indutores de sustentabilidade: certificação, licenciamento, pressão do mercado etc.	■									
Fomentados										
• Potencial de alavancar ações de conservação através dos fomentados	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Relevância	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Poder de influência										
•Potencial das empresas de influenciar na política de crédito e cumprimento da legislação										
•Poder dos setores de, em conjunto, influenciar as políticas públicas										
•As companhias empregam muitas pessoas – um grande recurso para disseminar a importância da conservação e biodiversidade										
Pesquisa e desenvolvimento										
•Expertise florestal que pode ser estendida ao plantio de nativas										
•Capacidade do setor florestal de desenvolver monitoramento de longo prazo										
•Setor florestal tem recursos humanos e financeiros para pesquisa de espécies florestais nativas										
•ONGs têm tecnologia de conservação (corredores)										
•Experiência e capacidade técnica instalada do setor florestal para pesquisas em seleção e melhoramento genético de nativas para uso comercial										
Recursos naturais										
•Manejo integrado de reservas/paisagens										
•As empresas controlam importantes remanescentes										
•Potencial para criar reservas privadas										
•Potencial de diversificar o setor florestal com o incentivo ao plantio de florestas comerciais mistas										
•Capital natural expressivo para o aumento da conectividade da paisagem										
•Malha de reservas nativas nas propriedades das empresas										
•Influência do setor florestal sobre grandes áreas da Mata Atlântica: próprias e fomentados										
Conscientização										
•Incorporação dos conceitos de responsabilidade social										
•Maior consciência ambiental nas empresas										
Recuperação natural										
•Áreas protegidas começam a demonstrar recuperação										
•Capacidade de recuperação da Mata Atlântica										
Planejamento										
•Capacidade de planejamento de longo prazo										
•ONGs e companhias têm agilidade e conhecimento para encontrar soluções para apresentar ao setor governamental										
Serviços ambientais										
•Potencial de serviços ambientais (água, carbono etc.)										
Cumprimento da legislação										
•Cumprimento das questões legais pelo setor florestal										
•Avanços lentos, mas firmes, além das exigências legais										

Novamente, os itens sugeridos foram agrupados de acordo com o assunto de que tratavam. Após a priorização feita pelos participantes para as forças impulsoras, temos que as oportunidades e benefícios indicados como mais importantes dizem respeito aos seguintes temas²:

- Recursos naturais, com 16% das indicações;
- Parcerias, com 14% das indicações;
- Pesquisa e desenvolvimento, com 12% das indicações;
- Planejamento, com 10% das indicações.

² Foram considerados apenas os temas que obtiveram pelo menos 10% das indicações de prioridade.

A seguir estão destacados e especificados as oportunidades e benefícios para a criação de uma visão comum entre empresas e ambientalistas, tidos como prioritários de acordo com os quatro temas mais indicados pelos participantes do primeiro encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica.

1. Oportunidades relacionadas à proteção dos recursos naturais

- a. Potencial para diversificação do setor florestal, a partir do incentivo ao plantio de florestas comerciais mistas;
- b. Experimentos de sub-bosques diversificados em áreas de eucalipto;
- c. Programas de restauração florestal em execução pelas empresas;
- d. Empresas possuem capital natural expressivo, que pode ser utilizado para o aumento da conectividade da paisagem;
- e. Potencial para criar reservas naturais privadas;
- f. Averbação de grandes áreas como Reservas Legais e grandes extensões de Áreas de Preservação Permanente nas mãos das empresas;
- g. Potencial de influência do setor florestal sobre grandes áreas da Mata Atlântica, incluindo os remanescentes nas propriedades dos fomentados, ampliando o potencial para criação de corredores e mosaicos;
- h. Manejo integrado de reservas naturais e de paisagens;
- i. Organizações possuem uma agenda ambiental forte na defesa de ecossistemas importantes, como é o caso da Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucárias);
- j. Sobreposição da área de atuação das empresas com regiões onde se desenvolvem programas de conservação da biodiversidade em larga escala.

2. Oportunidades relacionadas à formação de parcerias

- a. Predisposição para trabalhos em parceria devido à complementaridade das ações dos dois setores;
- b. O conhecimento das organizações ambientalistas aliado à capacidade de trabalho e recursos do setor florestal podem potencializar a conservação e a restauração;
- c. Ambos os setores têm interesse em trabalhar junto a comunidades rurais;
- d. Parcerias existentes em projetos envolvendo ambientalistas, governo, universidades e empresas;
- e. Chegou-se a um ponto sem volta, não dá para não se fazer nada;
- f. Ambos os setores investem em conservação e recuperação, potencial para colimar esforços;
- g. Empresas repassam tecnologia de ponta para pequenos produtores;
- h. Em muitos pontos há uma clara coincidência de interesses.

3. Oportunidades relacionadas à pesquisa e desenvolvimento

- a. Boa capacidade do setor florestal – conhecimento, tecnologia e recursos - para a realização de ações de monitoramento ambiental de longo prazo;
- b. Expertise das empresas em pesquisa, com potencial para ampliar os conhecimentos sobre a Mata Atlântica. Esta expertise poderia ser estendida também ao plantio de nativas;
- c. Competência do setor florestal para desenvolver tecnologia para nativas e para ações de recuperação florestal;
- d. Incorporação de informações técnico-científicas por ambos os setores;
- e. Organizações ambientalistas dispõem de conhecimentos, tecnologias e experiência para desenho, implantação e monitoramento de projetos de proteção da biodiversidade, conservação de áreas e corredores ecológicos.

4. Oportunidades relacionadas ao planejamento

- a. Ambos os setores possuem capacidade de planejamento de longo prazo;
- b. Ambientalistas e empresas possuem agilidade e conhecimento para encontrar soluções que possam ser apresentadas ao setor governamental, sobretudo no que se refere a regulamentos, normas e monitoramento.

A partir dos resultados desta etapa de identificação de oportunidades, fica evidente que organizações ambientalistas e empresas do setor de papel e celulose podem sim identificar agendas comuns e sinergias, as quais, se adequadamente trabalhadas e planejadas, se converterão em resultados concretos para a proteção do patrimônio natural da Mata Atlântica, bem como recuperação de parte da cobertura florestal original perdida.

O fato de estas empresas serem grandes proprietárias de terras – incluindo grandes áreas de remanescentes nativos e áreas com demanda de recuperação para formação de corredores – por si só já aponta para o potencial de parcerias futuras. Não foi por acaso que estes quatro temas (proteção de recursos naturais; parcerias; pesquisa e desenvolvimento; planejamento) apareceram como os prioritários, de acordo com as indicações dos participantes do primeiro encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica.

Mas, como as especificações dos temas apontam, é preciso construir os meios que viabilizem a integração dos diferentes conhecimentos e experiências complementares identificadas, para que se possa de fato iniciar em campo ações cooperadas de proteção da biodiversidade e restauração florestal. Até o momento, em que pesem as muitas similaridades e complementaridades identificadas, são poucas as iniciativas de intercâmbio e cooperação.

O planejamento integrado – entre organizações ambientalistas e empresas – em longo prazo e em larga escala, apontados como prioritários, são as chaves e as bases para o amadurecimento, efetivação e concretização em campo deste diálogo.

IDENTIFICANDO OPORTUNIDADES E CONSTRUINDO AGENDAS: UMA VISÃO COMPARTILHADA

Após o diagnóstico e priorização sobre as forças restritivas e impulsoras para a construção de uma visão comum entre empresas e ambientalistas, os participantes do primeiro encontro do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica foram divididos em três grupos, tendo sido designada a cada um deles a tarefa de discutir e acordar a estratégia e os meios que serão utilizados para a realização de ações efetivas de cooperação e integração.

Para facilitar a condução e a sistematização do trabalho dos grupos, os temas prioritários identificados nas duas etapas anteriores foram agrupados em nove grandes temas, ficando cada um dos grupos responsável por debater e elaborar uma proposta para três temas, a saber:

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
<ul style="list-style-type: none">• Rede de parceiros, governo e sociedade	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa e desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none">• Fomento
<ul style="list-style-type: none">• Informação e comunicação	<ul style="list-style-type: none">• Manejo florestal	<ul style="list-style-type: none">• Políticas públicas e incentivos
<ul style="list-style-type: none">• Planejamento e agenda	<ul style="list-style-type: none">• Zoneamento econômico-ecológico	<ul style="list-style-type: none">• Valoração ambiental

Organizados em grupos de trabalho, os participantes discutiram a atuação conjunta das empresas e das organizações ambientalistas, considerando ainda aspectos relacionados às comunidades locais e entes governamentais, bem como à sociedade de maneira geral, e apresentaram aos demais as seguintes propostas de ações integradas que promovam a conservação e a recuperação da Mata Atlântica.

Grupo 1

Ações propostas pelo grupo para o tema “rede de parceiros, governo e sociedade”

Ações em nível local

- Investir no capital social, tratando a comunidade como ativo no empreendimento;
- Fortalecimento das organizações locais;
- Mapeamento, capacitação e valorização dos fóruns e organizações locais;
- Estruturar um processo sistemático de comunicação e relacionamento com as comunidades (ex: conselho assessor do BID, auditoria externa das demandas etc).

Ações propostas em nível governamental

- Capacitação do poder público em gestão ambiental;
- Elaboração e divulgação do consumo de madeira nos estados da Mata Atlântica;
- Educação do consumidor.

Ações relativas às parcerias

- Rede por afinidade temática;

- Parcerias comprometidas com a formação de redes locais;
- Parcerias em projetos.

Ações propostas pelo grupo para o tema “informação e comunicação”

- Troca de experiências com visitas *in loco* – operações florestais e iniciativas das ONGs;
- Sistematizar e documentar as iniciativas de ONGs, empresas, comunidades locais (lições aprendidas, planos de ação etc);
- Realizar oficinas de intercâmbio e elaboração de propostas sobre temas comuns;
- Integrar e pactuar conceitos e terminologia.



Ações propostas pelo grupo para o tema “planejamento e agenda”

- Ambientalistas e empresas devem se unir para fomentar a criação de associações de reposição florestal;
- Implantar mecanismos e meios de intercâmbio de tecnologias e conhecimento sobre uso múltiplo de florestas plantadas (exóticas e nativas);
- Sugestões de temas centrais para construção de uma agenda positiva entre ambientalistas e empresas do setor de papel e celulose:
 - Zoneamento econômico-ecológico;
 - Gestão, proteção e recuperação de bacias hidrográficas;
 - Ações de monitoramento ambiental, sobretudo para água, energia, corredores e meios de produção.

Grupo 2

Ações propostas pelo grupo para o tema “pesquisa e desenvolvimento”

- Fomentar a realização de pesquisas aplicadas com espécies nativas para fins econômicos e de restauração, em áreas prioritárias para conservação e em zonas de influência das empresas;
- Incentivar o monitoramento da fauna silvestre (utilizando espécies indicadoras ou ameaçadas, por exemplo), por meio de parcerias entre os setores, promovendo também fóruns e oficinas para troca de informações e intercâmbio de experiências;
- Identificar áreas de relevante interesse para recompor a conectividade entre fragmentos nativos (corredores ecológicos).

Ações propostas pelo grupo para o tema “manejo florestal”

- Promover a troca de informações, visando à internalização e à adoção do conceito de manejo de paisagens no planejamento das empresas;
- Promover a troca de experiências entre ambientalistas e empresas, por meio de oficinas de trabalho, objetivando criar um catálogo de iniciativas bem-sucedidas em produção e uso múltiplo dos recursos florestais;
- Buscar um entendimento mais profundo sobre as alternativas técnicas e operacionais, sobretudo para a minimização dos problemas com a dispersão de espécies do gênero *Pinus spp.* em áreas naturais, por meio de parcerias e ações integradas envolvendo ambientalistas, empresas e instituições de pesquisa.



Ações propostas pelo grupo para o tema “zoneamento econômico-ecológico”

- O zoneamento econômico-ecológico deve ser tratado como ferramenta de importância estratégica e fundamental para o avanço das parcerias e do diálogo;
- Ambientalistas e empresas devem somar esforços para colaborar na elaboração e implantação dos planos de manejo das unidades de conservação existentes nas áreas de influência das empresas;
- Enquanto não se concluir o zoneamento econômico-ecológico de uma determinada região de atuação das empresas (até porque, o ZEE é uma atribuição governamental), deve-se investir na formalização e no cumprimento de pactos para o uso e ocupação do solo.

Grupo 3

Ações propostas pelo grupo para o tema “fomento florestal”

- Usar abordagem pró-ativa;
- Promover a capacitação para o planejamento da propriedade;

- Pensar em opções e ações conservacionistas via indução contratual, como, por exemplo, vincular a averbação da Reserva Legal em área equivalente à área de plantio para produção;
- Encaminhar pleitos, especialmente por políticas públicas, conjuntamente, como no caso do licenciamento em nível municipal para silvicultores independentes, e para pequenos e médios fomentados;
- Pensar em estratégias de capacitação dos órgãos licenciadores municipais;
- Incentivo e orientação para manejo da Reserva Legal;
- Geração de benefícios decorrentes da proteção da Reserva Legal;
- Incentivar o plantio de florestas mistas;
- Criação de Reservas Legais condominiais, nos casos onde os módulos mínimos não atenderem ao previsto na legislação;
- A Reserva Legal não deve ser “burocratizada”, ou seja, sua averbação deve ser resultado de um processo de planejamento que considere a formação de corredores e maciços com fragmentos vizinhos.

Ação proposta pelo grupo para o tema “políticas públicas e incentivos”

- Empresas e ambientalistas devem apresentar uma agenda política comum para o setor aos candidatos da eleição presidencial de 2006.



Ações propostas pelo grupo para o tema “serviços ambientais”

- Implantar estudos e mecanismos de valorização da Reserva Legal e das unidades de conservação;
- Buscar, de maneira integrada, o comprometimento dos órgãos ambientais nos casos que demandam regulamentação, avaliação e controle;
- Promover a elaboração dos projetos executivos por meio de parcerias (organizações ambientalistas, universidades e empresas), considerando os aspectos sociais, culturais e econômicos.

PRIORIZAÇÃO DAS AÇÕES PROPOSTAS

Após a apresentação das propostas elaboradas pelos grupos para os nove grandes temas identificados, os participantes foram convidados a indicar aquelas que, segundo seu julgamento, seriam as ações prioritárias para serem levadas adiante pelas empresas e organizações envolvidas com o Diálogo Florestal para a Mata Atlântica. O resultado e a priorização destas indicações está expresso nos quadros abaixo.

Prioridades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Rede de Parceiros:										
•Estruturar um processo sistemático de comunicação e relacionamento com as comunidades (ex: conselho assessor do BID, auditoria externa das demandas)	■	■	■	■						
•Fortalecimento das organizações locais	■	■								
•Investir no capital social, tratando a comunidade como ativo no empreendimento	■	■								
•Mapeamento, capacitação, valorização dos fóruns e organizações	■									
•Capacitação do poder público em gestão ambiental	■									
•Parcerias comprometidas com a formação de redes locais	■									
•Parcerias em projetos	■									
Conhecimentos e experiências:										
•Troca de experiências com visitas <i>in loco</i>	■	■	■	■	■	■	■			
•Sistematizar e documentar as iniciativas de ONGs, empresas, comunidades locais (lições aprendidas, planos de ação)	■	■	■	■	■					
•Oficinas em temas comuns	■	■	■							
Planejamento e Agenda										
•Associações de reposição florestal apoiadas por ONGs e empresas	■	■	■	■	■	■	■			
•Monitoramento: água, energia, corredores e produção	■									
Zoneamento										
•O zoneamento ecológico-econômico, como ferramenta de importância estratégica, deve ser apontado de forma irrestrita pelos setores representados neste Diálogo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
•Somar esforços para realizar e implementar os planos de manejo das UCs existentes nas áreas de influência das empresas	■									
Pesquisa e Desenvolvimento										
•Fomentar pesquisa aplicada com espécies nativas para fins econômicos e de restauração em áreas prioritárias para conservação e em zonas de influência das empresas	■	■	■	■	■					

Prioridades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Manejo Florestal										
•Promover a troca de experiências entre ONGs e empresas, através de oficinas de trabalho, objetivando criar um catálogo de iniciativas bem-sucedidas em produção “multiuso”										
•Promover a troca de informações para a internalização do conceito de manejo de paisagens no plano das empresas										
•Buscar um entendimento mais profundo sobre as alternativas técnicas e operacionais para a minimização da dispersão de <i>pinus</i> em áreas naturais através de parcerias (ONGs, empresas e instituições de pesquisa)										
Fomentados										
•Incentivo e orientação para manejo da reserva legal										
•Indução contratual: vincular reserva legal equivalente à área de plantio (%)										
•Abordagem pró-ativa: promover a capacitação para o planejamento da propriedade										
•Incentivar as florestas mistas										
•Pleito conjunto (políticas públicas): licenciamento em nível municipal para independentes, pequenos e médios fomentados										
•Retorno de benefícios em projetos executivos para reserva legal										
•Criação de reserva legal condominial quando os módulos mínimos não atenderem										
•A reserva legal não deve ser “burocratizada”										
Valoração Ambiental										
•Desenho do projeto: elaboração dos projetos executivos por meio de parcerias (ONGs, universidades, empresas), considerando os aspectos sociais, culturais e econômicos										
•Valoração dos serviços ambientais de áreas de conservação										
•Comprometimento do órgão ambiental: regulamentação e avaliação do órgão ambiental										

Após a contagem das indicações, foi possível concluir que há um nivelamento no grau de importância de vários dos grandes temas apontados como prioritários pelos participantes. A partir do mesmo critério que foi utilizado para as forças restritivas e impulsionadoras (considerar como prioritárias aquelas que obtiveram pelo menos 10% das indicações) obteve-se o seguinte resultado:

- Programas de fomento florestal, com 25% das indicações;
- Valoração ambiental, com 18% das indicações;
- Conhecimentos e experiências, com 14% das indicações;
- Rede de parceiros, zoneamento econômico-ecológico e manejo florestal, ambos com 11% das indicações.

Logo após esta conclusão, os participantes foram convidados a refletir sobre estes seis grandes temas que foram indicados como prioritários, de modo a concluir este primeiro encontro apresentando um direcionamento e um foco tanto para as ações de continuidade do Diálogo Florestal pós-evento quanto para os próximos encontros.

Este debate resultou na conclusão dos participantes de que a priorização apontada para os grandes temas “valorização ambiental” e “conhecimentos e experiências” reflete o espírito do Diálogo, buscando a valorização do bioma Mata Atlântica e a adoção de estratégias para ampliar as oportunidades de intercâmbio entre os setores que compõem esta iniciativa. Deste modo, chegou-se ao consenso de que estes dois itens na verdade se constituem em estratégias, que devem permear e fundamentar todo o processo do diálogo e cooperação que começa a ser construído com este primeiro encontro.

Sendo assim, os participantes presentes à plenária final do evento concluíram que o Diálogo Florestal para a Mata Atlântica deveria focar suas ações em dois ou no máximo três temas propriamente ditos, e que tais temas centrais devem ser conduzidos considerando a valorização do bioma e a integração dos diferentes conhecimentos, experiências e ativos que compõem o segmento industrial de papel e celulose e o terceiro setor ambientalista.

TEMAS CENTRAIS DO DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA

A partir dos diagnósticos, debates e conclusões oriundos dos três dias de evento, foi definido que o desencadeamento de ações integradas ocorrerá abordando prioritariamente dois temas centrais, para os quais foram criados grupos de trabalho específicos, além da rede de relacionamento do Diálogo Florestal, cuja responsabilidade de implantação será do próprio grupo de coordenação da iniciativa, integrado por representantes de três empresas e de três organizações ambientalistas.



Para cada um dos temas definidos como prioritários foi criado um grupo de trabalho, para o qual foi nomeado um núcleo de coordenação, ficando este responsável pela elaboração de uma proposta com cronograma, a ser apresentada aos demais participantes e debatida no segundo encontro do Diálogo. Deste modo, os temas selecionados como prioritários para o Diálogo Florestal e os respectivos membros dos núcleos de coordenação dos grupos de trabalho foram os seguintes:

Fomento Florestal

Grupo de trabalho

- Carlos Alberto Mesquita (Instituto BioAtlântica) – coordenador
- Deuseles Firme (Cenibra)
- Fernando Veiga (The Nature Conservancy)
- Rui Rocha (Instituto Floresta Viva)

Zoneamento Econômico-Ecológico

Grupo de trabalho

- João Augusti (Suzano Papel e Celulose) – coordenador
- Oscar Artaza (Associação Flora Brasil)
- Miriam Prochnow (Apremavi)

Para o grupo de coordenação – equivalente ao grupo de trabalho responsável pelo tema “rede de relacionamento dos parceiros” – foram definidos os seguintes membros:

- André Guimarães - Instituto BioAtlântica
- João Augusti – Suzano Papel e Celulose
- Luiz Paulo Pinto – Conservação Internacional
- Cristina Moreno – Veracel Celulose
- Miguel Calmon – The Nature Conservancy
- Marco Antônio Brito – Rigesa/MeadWestvaco

PRÓXIMOS PASSOS

Finalizando o encontro, os participantes definiram atividades para os desdobramentos deste primeiro encontro, de modo que as atividades do Diálogo Florestal para a Mata Atlântica permaneçam até o segundo evento, programado para o mês de maio de 2006.

Atividade	Prazo
Criação de lista eletrônica de relacionamento (via YahooGroup)	20/10/05
Elaboração de um relatório do primeiro encontro pelo moderador	30/10/05
Finalização do relatório do primeiro encontro pelo núcleo de coordenação	24/12/05
Plano de trabalho dos GTs (versão preliminar)	Janeiro/06
Plano de trabalho dos GTs (versão final)	Março/06
2ª reunião do Diálogo Florestal	Maior/06

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Outras informações sobre o Diálogo Florestal para a Mata Atlântica, sobre o primeiro encontro – incluindo o arquivo das apresentações – bem como notícias do The Forests Dialogue (TDF) podem ser encontradas no website:

<http://research.yale.edu/gisf/tfd/biodiversity.html>

LISTA DOS PARTICIPANTES

Nome	Empresa ou organização ambientalista
Amy Skoczlas Cole	Instituto BioAtlântica
Ana Carolina Baker Botelho	Fundação Biodiversitas
André Guimarães	Instituto BioAtlântica
Andréa Leite	Instituto BioAtlântica
Beto Mesquita	Instituto BioAtlântica
Cristina Moreno	Veracel Celulose S/A
Denise Marçal Rambaldi	Reserva da Biosfera/ Associação Mico-Leão Dourado
Deusdedet Alle Son (Detinha)	Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (Ipema)
Deuseles João Firme	Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra)
Fernando Veiga	The Nature Conservancy (TNC)
Gary Dunning	The Forests Dialogue (TFD)
Heloísa Helena Oliveira	The Nature Conservancy (TNC)
João Carlos Augusti	Suzano Papel e Celulose S/A
José Maria Donatti	Aracruz Celulose S/A
Kathia Vasconcelos Monteiro	Amigos da Terra
Luiz Antonio Cornacchioni	Suzano Papel e Celulose S/A
Luiz Paulo Pinto	Conservação Internacional – Brasil (CI)

Marco Antonio Brito	Rigesa
Mario Cesar Mantovani	Fundação SOS Mata Atlântica
Marisa Camargo	Yale School of Forestry & Environmental Studies
Miguel Calmon	The Nature Conservancy (TNC)
Miriam Prochnow	Apremavi
Oscar Artaza	Flora Brasil
Paulo Henrique Groke Jr.	Instituto Ecofuturo
Roberto Rezende	Moderador
Rui Rocha	Instituto Floresta Viva
Sandro Coneglian	Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS)
Vandi Garlet	Veracel Celulose S/A